

11 NOV 1991

ESTADO DE SÃO PAULO

DA-FEIRA

*Cad. economia, p. 2*

## O Brasil somos todos nós

LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL

Presidente de um grupo empresarial, assisto, aturdido e perplexo, a mais uma paranóia da nossa maltratada economia. O quadro é de luta livre, estilo "todos contra todos", em que vale tudo e nada é levado a sério.

A boataria rompeu a barreira do absurdo e a fobia da desgraça gerou, na semana de 29 de outubro a 1º de novembro, a miragem de falência geral: as empresas remarcando para o alto seus preços, os sindicatos ameaçando paralisações por melhores salários e o governo sinalizando a continuidade da política de juros elevados, a pretexto de combater a inflação. Constatamos aumentos de 60% em 30 dias para determinados produtos, no caso os automóveis, e de juros bancários acima de 40% ao mês. Certificados de Depósito Bancário foram negociados a 4.200% ao ano.

Qualquer analista de país de economia estável diagnosticaria a situação da economia brasileira neste momento como de *hiperinflação*. Aqui dentro, nossos economistas mais criativos designavam o quadro como de "estagflação", "estag-hiperinflação", quem sabe "estag-hiperinflação falimentar", ou superinflação, como preferem alguns técnicos do próprio governo.

Atrevo-me a acrescentar a estas expressões o adjetivo "culposa".

"Culposa" porque tal fato não é um fenômeno e, portanto, tem causa. E a causa dessa



situação tem culpado, ou melhor, culpados.

Culpados somos todos nós: empresários, governo e sindicatos. Tanto assim que fizemos ouvidos de mercador à convocação de "entendimento nacional" lançada pelo presidente da República.

Culpados porque ainda colocamos nossos interesses acima dos da Nação.

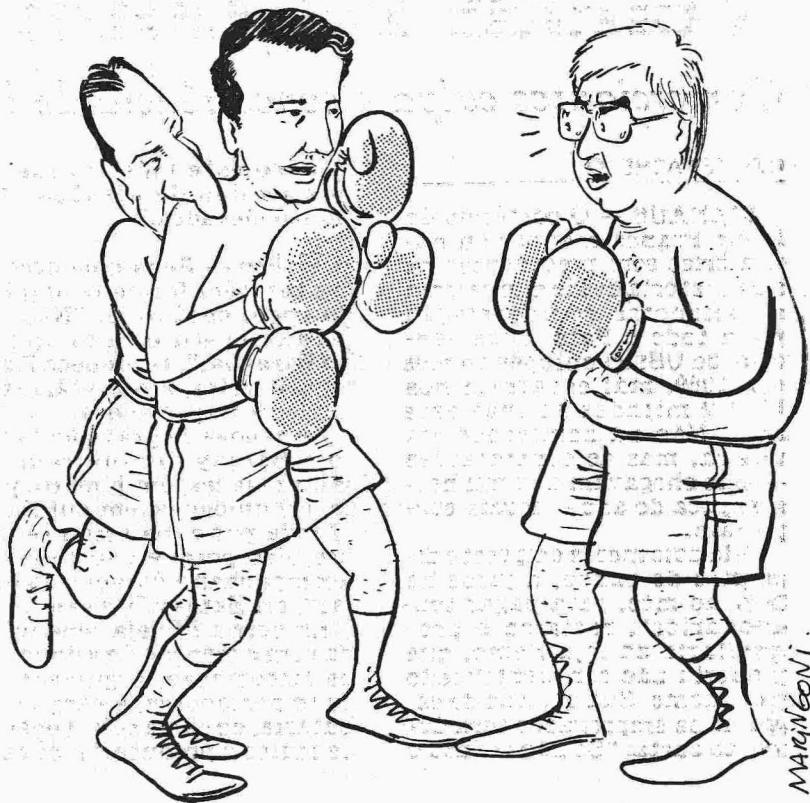
E agora ouço lamentos do tipo "seria melhor o Lula", ou aquele outro candidato.

Ora, senhores, num regime democrático, o presidente eleito pela maioria é a expressão da vontade da nação. E o presidente de todos, e todos somos parte do processo, tanto para levar vantagem quanto para aceitar sacrifícios.

Sabemos que as classes menos favorecidas não têm mais o que perder. Nós, sim, dirigentes desta nação, quer como empresários, quer como governo, é que podemos virar a mesa.

Felizmente, o presidente Collor e sua equipe de governo não vieram com um novo choque, deixando que o mercado se ajuste por si mesmo. Atitude acertada, até porque, se um primeiro e único choque não resolver a situação de um país, como no caso do Brasil não resolveu, os demais acabam por eletrócutar a Nação.

Criticó, sim, a política de juros altos como arma de combate à inflação. Antes de atingir a inflação, se é que conseguiram, juros de 40% ao mês bombardeiam a operacionalidade de qualquer empresa ou atividade que dependa de recursos de terceiros. Aí ficamos na contramão do desenvolvimento: para não perder, cortam-se despesas, até mesmo com demissões, a produção se reduz, o consumo cai e a



inflação resiste. E resiste porque, não havendo excesso de oferta, os preços sobem.

O mundo desenvolvido só o é porque produziu mais, avançou na tecnologia, pagou mais e melhor sua mão-de-obra, que, com maior poder aquisitivo, pode consumir mais.

Isso provoca a satisfação social, que empurra uma nação para cima.

Ainda é tempo para rever conceitos e eliminar os preconceitos. Não adianta "malhar" o governo. Vocações conspiratórias já não encontram terreno fértil. É necessário entender que, como cidadãos, também somos respon-

sáveis e participantes ativos do processo.

Trabalhemos todos, com seriedade e desprendimento. A produção não pode, e não deve, ser reduzida. Melhores salários para nossos trabalhadores é que ampliarão a produção, pela via de consumo. Os tributos serão em maior volume para permitir à parcela da Nação chamada governo redistribuir a renda.

O Brasil tem jeito, sim. Faltava a consciência de que o Brasil somos todos nós.

■ Luiz Sebastião Sandoval, advogado, é presidente-executivo do Grupo Sílvio Santos